

ROMANTISMO E INDUSTRIALIZAÇÃO: UMA LEITURA SEMIÓTICA

Camila de Castro Diniz Ferreira*

RESUMO:

Análise semiótica do Romantismo a partir da relação entre a escritura poética e a Revolução Industrial. Numa perspectiva vertical, a análise do romantismo brasileiro centra-se em Álvares de Azevedo e Sousândrade que criam uma nova linguagem poética cuja forma, contaminada pelos meios de reprodução técnica, sobretudo a imprensa, explicita um conteúdo bastante crítico em relação à situação sócio-econômico-cultural do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *linguagem, parataxe, revolução industrial, romantismo, semiótica.*

Embora se trate de uma relação até certo ponto inusitada e, por esta razão, igualmente arriscada, não se pode deixar de relevar o fato de que o Romantismo nasce na Alemanha em fins do século XVIII simultaneamente à explosão da Revolução Industrial na Inglaterra.

Ainda que a Revolução Industrial não tenha acontecido na Alemanha, o mesmo ocorrendo com a França, onde ela se dá três décadas depois da Inglaterra, não podemos deixar de considerar as radicais transformações que ela provocou nos âmbitos do universo político-ideológico-cultural-econômico.

Diante de um processo de modificações intensivas e extensivas capazes de abranger diversos segmentos e setores da sociedade, optamos por analisar o confronto entre a escrita e a Revolução Industrial, centrando-nos na linguagem poética do Romantismo enquanto movimento literário e em dois poetas brasileiros, Álvares de Azevedo e Sousândrade, que nos pareceram pertinentes para justificar nossa hipótese de que, mesmo nos países em que a industrialização chega décadas após

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Brasileira), 1999.

a Inglaterra, como a Alemanha e a França, e, no Brasil, onde não ocorre aquele processo, a linguagem poética começa a sofrer profundas transformações.

Nesse contexto de crises e mudanças, a Alemanha assume um papel primordial desde a Reforma Protestante de Lutero, já no século XVI, ao impor a obrigatoriedade da leitura da *Bíblia* que fortalece a hegemonia da língua escrita e provoca um súbito aumento de repertório, ou seja, de experiência e de conhecimento. Pode-se dizer que nasciam, assim, os primeiros germes da Revolução Industrial.

Sem esse impulso e determinação, transformações nos setores demográfico, agrário, comercial e de transportes, responsáveis pelo repentino crescimento de produção e do consumo agrícola na Inglaterra e propiciadas por sua localização geográfica, não teriam sido possíveis.

O que não se pode deixar de ressaltar, para se compreender a importância da Reforma Protestante, é a ruptura que ela provocou com o sistema lógico criado por Aristóteles que, transpassado para as línguas ocidentais, constituía, através da hipotaxe, ou seja, o modo de organização da escrita por subordinação, o paradigma da cultura ocidental, desde a literatura até as artes e as ciências. Esse sistema permaneceu comandando o processo de criação e das teorias que buscavam compreendê-lo, até o advento da Revolução da Industrial, quando as linguagens tecnológicas, colocando em questão a sua hegemonia, instauram uma outra lógica e um novo pensamento.

Com a quebra da hegemonia católica cujos fundamentos encontravam-se no aristotelismo escolástico, como por exemplo, o privilégio do clero pela hierarquia e permanência do celibato eclesiástico aos quais Lutero se opunha veementemente, inicia-se o processo de desierarquização através do protestantismo e da autoridade da Bíblia. Na verdade, a exigência do responsável pela Reforma foi uma imposição do aprendizado em massa do código escrito alemão, uma vez que traduziu o Livro Sagrado para aquela língua. Porém, o que poucos sabem é que a tradução de Lutero é considerada o primeiro documento da literatura moderna cuja língua rompia com os padrões clássicos aristotélicos, ainda que escrita.

Dessa forma, assistiu-se a uma ruptura com o latim, língua clássica e hierárquica, porque destinada à minoria, e ao nascimento de uma nova escrita, mais

democrática e menos hegemônica, fator altamente importante no processo responsável pela explosão da Revolução Industrial.

Como se pode observar, não é por acaso que a Alemanha toma a dianteira do processo de divulgação e de reprodução da escrita, impulsionando o aumento de repertório, decisivo para o processo de industrialização. Já em meados do século XV, antes do movimento da Reforma Protestante, Gutemberg inventa a imprensa, de importância fundamental para a decisão de Lutero, uma vez que a possibilidade de se reproduzir os ensinamentos de Deus através da palavra impressa estava aberta.

Inserida num amplo processo histórico, a escrita, o primeiro *médium* de massa, anunciando e profetizando a industrialização, chega ao seu ápice e ao seu declínio enquanto código hegemônico com a proliferação dos meios tecnológicos de reprodução. Ainda que contaminada por outras linguagens, a partir do final do século XVIII, a sua importância, desde a invenção da imprensa, foi decisiva nos acontecimentos que transformariam o homem e as sociedades do mundo ocidental, em maior ou menor intensidade, uma vez que impulsionou a necessidade de alfabetização ampliada por Lutero.

Se, com a Reforma, as línguas representam um papel de importância crucial no desenvolvimento cultural das sociedades, fomentando inclusive a idéia de nacionalismo amplamente divulgada pelo Romantismo, a escrita, com a imprensa mecânica, sofrerá grandes transformações.

A tipografia, diga-se de passagem, mesmo a manual, é o primeiro código que influencia diretamente a linguagem verbal escrita, através de seu método de composição. Com ela, a tão conhecida arbitrariedade dos signos lingüísticas deixa de ser imperativa, na medida em que se percebe, na montagem dos tipos, que o processo de seleção e de combinação, responsável pelas associações sintagmáticas ou hipotaxe e paradigmáticas ou parataxe, influi no sentido das palavras.

Por outro lado, o livro deixa de ser o veículo exclusivo de divulgação da literatura para concorrer com o jornal cuja tiragem chega a números surpreendentes. E com o desenvolvimento das estradas de ferro, resolve-se o problema da distribuição dos jornais. Tem-se, então, uma nova escrita que, gerada pela imprensa e responsável pela divulgação não apenas das notícias, mas também da literatura, começa a modificar a linguagem verbal, direcionada para o consumo da grande massa da população.

A palavra falada, que vinha também contaminando a escrita ao penetrar nos jornais cujos métodos de composição ou diagramação absolutamente expostos integram sua linguagem, ou melhor, são a linguagem, colabora de forma decisiva para a crise que se instala no mundo verbal: a linearidade das palavras nos livros cede lugar à simultaneidade na página do jornal; a hipotaxe substitui a parataxe e o universo icônico explode de dentro das palavras.

Assim pode-se considerar o confronto entre a escrita e a Revolução Industrial como o momento de radicalização do processo que vinha se desenvolvendo desde a Reforma Protestante de Lutero, através da ruptura com a língua clássica (o latim) e a institucionalização das diversas línguas para a leitura da *Bíblia*. A estrutura da língua escrita, predominantemente hipotética, entra em crise ao se confrontar com os meios de reprodução técnica cuja organização se faz por coordenação ou parataxe.

Daí a importância da Revolução Industrial que, anunciada e profetizada pela palavra escrita, encontra no jornal o seu instrumento. Com este, os escritores têm uma nova forma de atualização profissional através de um novo mercado da palavra escrita: do jornal ao folhetim, da poesia ao romance, da quantidade à qualidade.

Como o Romantismo é o movimento que vive a Revolução Industrial, não é estranho que sua leitura do mundo expresse as transformações provocadas pelo choque entre a linguagem verbal escrita e as linguagens dos meios de reprodução técnica. Daí decorre a opção pela Semiótica de Charles Sanders Peirce, enquanto sistema de classificação de signos segundo as suas relações com os objetos e interpretantes (signo que, gerado da relação com o objeto, estabelece uma nova relação triádica), sem privilegiar a palavra ou "símbolo", ou seja, a linguagem verbal escrita.

Numa abordagem vertical do Romantismo, a partir de sua experiência com a natureza e com as formas de criação que daí decorrem, pode-se dizer que a passagem do Classicismo para o Romantismo representa o choque produzido pela Revolução Industrial no mundo agrário-rural, seus meios, modos e formas de produção artesanais. Em termos peirceanos e numa abordagem mais abrangente, o mundo romântico vive a experiência da "Secundidade" cuja ação provocando uma reação, gera uma crise, um conflito.

O que parece acontecer no Romantismo é uma saturação da "experiência da Terceiridade", isto é, da representação, cuja "força sancionadora" dos processos criativos chega ao seu limite. O confronto dos meios de reprodução técnica com os signos verbais ("experiência da Secundidade") obriga-os a uma volta, não em termos de um passado histórico, mas no sentido de busca de começos: um mergulho para dentro de si mesmos, fazendo emergir das palavras ("símbolos-signos que, em relação com os objetos, encontram-se na categoria da "Terceiridade") o seu nível icônico ("Primeiridade").

Sendo a poesia um ser de linguagem capaz de gerar e regenerar sentimentos e, por esta razão, um campo privilegiado da criação, descobre a possibilidade de se recuperar o sentimento que tinha pela natureza da linguagem icônica, pois que esses signos – não por acaso inseridos na "Primeiridade", entre as "categorias da experiência" peirceana possibilitam apresentar e concretizar as qualidades semelhantes ao objeto, num processo que, rompendo com a representação arbitrária das palavras, cria uma nova linguagem. A essa descoberta do universo icônico no Romantismo, que pode ser caracterizada como a busca dos começos do aspecto material dos signos, e não apenas conteudístico, chamamos de consciência da linguagem icônica.

Ainda que a Revolução Industrial não tenha ocorrido no Brasil, pode-se sentir seus frutos, com menor intensidade, em alguns momentos do Romantismo, como por exemplo, nos poetas Álvares de Azevedo e Sousândrade cuja resistência em relação ao sistema dominante de produção da escrita, ou seja, à língua, deve ser analisada. O autor de *A Lira dos Vinte Anos* chega a criticar, na segunda parte do livro, através da inserção da linguagem falada e da ruptura com a referencialidade, a hipotaxe que permeia a linguagem escrita. Em poemas como – "É ELA! É ELA! É ELA! É ELA!", a nosso ver, paradigma exemplar da metalinguagem em relação à poesia romântica que o poeta vinha fazendo, constitui-se na síntese da disseminação do universo icônico das palavras numa nova música: a música da linguagem falada.

Apesar de Sousândrade utilizar-se da temática indianista, determinante em nosso romantismo, assume para com o contexto imperial do Brasil uma postura radical. criticando, inclusive, a situação precária em que viviam os índios, desprezados pelo governo. Sua crítica insere-se num processo de metalinguagem em que a própria língua portuguesa, enquanto cosmovisão dos colonizadores, é veementemente destruída na forma de organização, através de sua linguagem contaminada pela imprensa.

Não se pode deixar de enaltecer em Sousândrade o projeto de *O Guesa* que, superando a visão estreita do indianismo brasileiro nas mitologias incaica (Peru) e muísca (Colômbia), centra-se na lenda indígena do Guesa Errante. Em Nova York, assustado com o choque produzido pela industrialização, pelo capitalismo através da corrida desenfreada às Bolsas de Valores, em meio à democracia e liberdade, pelo ritmo alucinante da vida e, sobretudo, pela importância da imprensa com a qual colaborava, vivendo aquela transformação no tempo e espaço, escreve o episódio "Inferno de Wall Street" ("Canto X"), modifica radicalmente o "Tatuturama" ("Canto II"), para que ambos se assemelhassem ao inferno da cidade e ao inferno da selva, ambos infernos, desmi(s)tificando toda a concepção romântica do índio, herói idealizado vivendo num paraíso selvagem.

Embora esses dois cantos constituam uma pequena parte de *O Guesa* é possível perceber, nesses fragmentos, a radicalização do processo de destruição da linearidade da língua, fazendo com que o universo icônico das palavras sobressaia com toda sua força, de forma a produzir significados oriundos da semelhança entre os sons (paronomásias), e não da relação arbitrária dos signos com os objetos. Estes, justamente, voltam-se para dentro, permitindo que se evidencie a materialidade dos signos nos ícones que impedem, por sua vez, as palavras de exercerem sua função de representação. Nesse momento de aguda conscientização de linguagem em Sousândrade, encontra-se não apenas o projeto enquanto utopia de um Brasil livre e democrático, mas também de sua realização.

RÉSUMÉ:

Analyse sémiotique du Romantisme à partir du rapport entre l'écriture poétique et la Révolution Industrielle. Dans une perspective verticale, l'analyse du romantisme brésilien est centrée autour de la poétique de Sousândrade. En dépit du contexte historique européen qu'il a vécu, il a créé un nouveau langage poétique dont la forme, contaminée par les moyens techniques de reproduction, surtout la presse, explicite un contenu assez critique par rapport à la situation sociale du Brésil.

MOTS-CLÉS: langage, parataxe, révolution industriel, romantisme, sémiotique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1962. (Texto fixado e anotado por Frederico José da Silva Ramos e Péricles Eugênio da Silva Ramos).

BLANCHOT, Maurice. *O Athenaeum*. Trad. Bernardo Carvalho. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 maio 1988. Folhetim, p. B2-B11.

CAMPOS, Augusto de. *O seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira*. O caso de Gregório de Matos. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. *Sousândrade: Poesia*. 3. ed. rev. pelos autores. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

_____. *Revisão de Sousândrade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos)*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1957. 2v.

CIPOLLA, Carlo M. *História econômica de Europa*. El nacimiento de las sociedades industriales. Trad. do inglês por Inácio Hierro. Barcelona: Seix y Borrall Hinos, 1982. 2v.

DEANE, Phyllis. *A Revolução Industrial*. Trad. Hetero Porto Gadelha. Rio de Janeiro: Labor Editores, 1975.

_____. *A Revolução Industrial*. Trad. Hetero Porto Gadelha. Rio de Janeiro: Labor Editores, 1975.

DERRY, T. K.; Williams, Trevor I. *Historia de la tecnología*.

Desde la antigüedad hasta 1750. México, Espanha, Argentina, Colômbia: Siglo Veintiuno Editores. 1982. 3v.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário*. Razão e imaginação no Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1984. Livraria Martins Editora, 1957. 2v.

MACIEL, M. Esther. *As vertigens da lucidez*. Poesia e crítica em Octavio Paz. São Paulo: Experimento, 1995. Nova Fronteira, 1982.

PIERCE, Charles Sanders. *Collected papers*. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. 8 v.

PIGNATARI, Décio. *Cultura pós-nacionalista*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

_____. *Semiótica & literatura*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1987. (Edição reorganizada e acrescida de novos textos).

_____. *Semiótica*. Trad. J. Teixeira Coelho Neto. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SANTAELLA, L. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense. 1984.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHILLER, Friedrich. *Poesia ingênua e sentimental*. Est. e trad. de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1981.

SCHLEGEL, Friedrich. *Conversa sobre a poesia e outros fragmentos*. Trad. prefácio e notas de Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Iluminuras, 1994.

SOUSÂNDRADE, Joaquim de. *Harpa de oiro: 1889-1899*. Edição dirigida por Jomar Moraes. São Luís: Departamento de Cultura do Estado do Maranhão, 1969.

_____. *O guesa*. Londres: Cooke & Halsted, The Moorfield Press, 1884.

SYPLER, Wylie. *Literatura and technology*. Nova York: Vintage, 1971.